REQUERIMENTO Nº. 16/2016

EXCELENTÍSSIMO SENHOR
ADÃO BIANCATTI
Presidente da Câmara Municipal
ENÉAS MARQUES/PR

O vereador que este subscreve, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo artigo 162, inciso X, da Resolução nº. 01/2009, de 13 de janeiro de 2009 (Regimento Interno da Câmara Municipal de Enéas Marques) encaminha a Vossa Excelência a seguinte proposição:

Súmula: Envio de documento aos Senadores do Estado do Paraná.

Requerimento: Encaminhar documento aos Senhores Senadores da República do Estado do Paraná solicitando a atenção e o empenho dos Nobres Representantes na aprovação do projeto de lei que libera o uso da fosfoetanolamina “pílula do câncer” no tratamento do câncer, sua imediata liberação para doentes que optaram em usar da substância para fins terapêuticos, bem como pleitear junto o **Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação** priorizar os estudos que comprovem a eficácia da substância.

Justificativa

'Se o paciente melhorava, que mal faria?' Diz criador da 'pílula do câncer'.

O professor aposentado da USP cujo trabalho com a chamada "pílula do câncer" acabou mobilizando milhões de reais em verbas públicas e causando contrariedade em boa parte da comunidade científica do país diz que o boca a boca entre pacientes e médicos o levou a distribuir por décadas a substância conhecida como fosfoetanolamina para doentes de câncer.

A distribuição era feita por indicação médica. Gilberto Orivaldo Chierice diz que não considerava que aquilo era responsabilidade minha, era responsabilidade do médico que fazia a indicação. “Eu nunca analisei ninguém, até porque não sou médico, o cara é que me trazia o exame mostrando o antes e o depois com resultados bons.”

Chierice disse convicto da eficácia da molécula estudada por ele e seus colegas, embora ressalte que não há "milagre" na ação da substância. Se o paciente melhorava que mal faria diz criador da pílula do câncer.

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) criou um espaço especial na internet com informações sobre a fosfoetanolamina, elemento da "pílula do câncer". O ministério destaca que

espaço foi criado diante da repercussão da distribuição da substância para fins terapêuticos no tratamento do câncer pelo Instituto de Química de São Carlos (IQSC) da Universidade de São Paulo (USP).

Atualmente, MCTI e o IQSC, de forma articulada, estão estudando a segurança e a eficácia da fosfoetanolamina em instituições nacionais de excelência e com reconhecida experiência na pesquisa e desenvolvimento de fármacos.

A partir de resultados preliminares animadores em alguns modelos experimentais em linhagens celulares de câncer e em animais, teve início o uso em alguns pacientes portadores de câncer na região da cidade de São Carlos (SP), destaca o MCTI. Em novembro de 2015, o governo liberou R\$ 2 milhões para pesquisas sobre a fosfoetanolamina.

Pacientes de câncer e seus familiares têm entrado na justiça para conseguir acesso a uma pílula produzida pelo Instituto de Química de São Carlos (IQSC-USP) por acreditarem que ela age contra o câncer. Sem registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a cápsula de fosfoetanolamina sintética só continua sendo produzida pelo instituto por causa das demandas judiciais.

A substância que passou a ser produzida em laboratório por um pesquisador da USP, hoje aposentado, que acredita que ela seja capaz de tratar câncer. Mas, pessoas com câncer têm entrado na Justiça para obter o produto da USP. A USP tem atendido a demanda somente porque é obrigada judicialmente.

O pesquisador alega que pediu ajuda à Anvisa para desenvolver os testes necessários, mas houve 'má vontade' da agência. A entidade, por sua vez, afirma que nunca houve um pedido de autorização para pesquisa clínica para avaliar a eficácia da fosfoetanolamina sintética contra o câncer.

O processo para se testar a segurança e as possíveis propriedades terapêuticas de um componente a substância que é candidata a se tornar um medicamento deve ser testada em modelos mais simples.

Depois, o produto deve passar por um estudo em animais, que busca verificar se a droga é capaz de, por exemplo, controlar o tumor em um organismo vivo. Nesta fase, são feitos testes em roedores e em não-roedores. Caso todos os resultados sejam favoráveis, na próxima fase começam os testes clínicos, em seres humanos. Cada uma dessas fases tem de ser aprovada pelos órgãos competentes.

Segundo o pesquisador, as pílulas começaram a ser administradas a pacientes com câncer do Hospital Amaral Carvalho, de Jaú, com quem o IQSC mantinha um convênio por causa de outro projeto. De acordo com Chiarice, a droga foi administrada mediante a assinatura de um termo de responsabilidade por parte dos pacientes, muitos em estágio terminal da doença.

Chiarice diz que, apesar da falta de documentação sobre o efeito da fosfoetanolamina nesses pacientes, “algumas pessoas tiveram melhora” e a existência de uma “pílula da USP” para tratar câncer começou a ser divulgada. Mesmo depois de o hospital deixar de administrar o produto aos pacientes, alguns familiares continuaram indo até o IQSC para pedir novas doses e o instituto se manteve produzindo para atender a essa demanda.

“O paciente melhorava e recomendava para o vizinho. No início, a gente nunca controlou isso, não éramos médicos. Eles diziam: 'Querida levar para a minha prima porque deve fazer bem'. Nossa atitude não era policial isso”, diz o pesquisador.

Eles já vinham com a orientação do vizinho, de um colega. É difícilimo de controlar. Isso criou uma bola de neve e, em 2013, estávamos produzindo mais de 50 mil cápsulas por mês.”

Mais recentemente, uma parceria entre Chiarice e o Instituto Butantan levou à publicação de cinco artigos em revistas científicas sobre a ação anticancerígena da fosfoetanolamina sintética em culturas de células e em animais. Porém não houve prosseguimento dos testes para viabilizar um estudo em humanos.

Depois da aposentadoria de Chiarice do IQSC, em 2013, o instituto interrompeu a produção da pílula. Em nota, o instituto afirma que constatou que, como não havia licença e registro necessários para a produção da substância para fins medicamentosos, essa distribuição estava ferindo a legislação federal.

Vários pacientes, porém, estão conseguindo na Justiça o direito de receberem a substância, por isso o IQSC continua produzindo e fornecendo o produto para atender às demandas judiciais.

Uma enxurrada de ações judiciais relacionadas à "pílula do câncer" está travando o sistema jurídico da Universidade de São Paulo (USP). Desde o início da polêmica nacional sobre a fosfoetanolamina sintética, em junho de 2015, a instituição já foi citada em mais de 13 mil processos movidos por pacientes que exigem o fornecimento da substância, acreditando tratar-se de uma cura para o câncer.

A Procuradoria-Geral da USP chega a receber mais de cem processos de fosfoetanolamina por dia, oriundos de quase todos os Estados do país e a universidade tem obrigação legal de responder a todos eles.

Dos 13 mil processos, cerca de 7 mil são liminares concedidas por juízes do Estado de São Paulo, obrigando a universidade a fornecer a substância para pacientes com câncer.

Segundo Márcia, a taxa de produção do laboratório é de 2,4 mil cápsulas de fosfoetanolamina sintética por semana muito abaixo do que seria necessário para atender à demanda dos 13 mil processos.

Diante do acima exposto entende-se tratar de assunto de relevante interesse público, pois o câncer tem sido um dos grandes causadores de óbito em nosso País, sem contar que o tratamento dessa doença é bastante agressivo deixando o paciente altamente debilitado. Portanto cabe às autoridades brasileiras dispensar ao caso total atenção, pois se trata de estender o tempo de vida do paciente com maior qualidade ou mesmo salvar vida através da cura da doença.

Enéas Marques/PR, 14 de março de 2016.

Vereador Luci Honorio Borges Menin